Fomento às Indicações Geográficas e Marcas Coletivas

Volume 2: O Caso da Alta Mogiana



Rubmara Ketzer Oliveira
Eduardo Eugênio Spers
(Organizadores)

EDITORA ARTEMIS
2026

Fomento às Indicações Geográficas e Marcas Coletivas

Volume 2: O Caso da Alta Mogiana



Rubmara Ketzer Oliveira
Eduardo Eugênio Spers
(Organizadores)

EDITORA ARTEMIS
2026

2026 *by Editora Artemis*
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2026 Os autores
Copyright da Edição © 2026 Editora Artemis

O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M.ª Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M.ª Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Profª Drª Rubmara Ketzer Oliveira
	Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers
Financiamento	Este trabalho contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2023/10119-7
Imagem da Capa	Profª Drª Rubmara Ketzer Oliveira - Arquivo pessoal
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.ª Dr.ª Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.ª Dr.ª Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.ª Dr.ª Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.ª Dr.ª Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.ª Dr.ª Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuat*o, México
Prof.ª Dr.ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil

Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.ª Dr.ª Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.ª Dr.ª Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal*, Canadá
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona,* Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis,* Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires,* Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnido da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg*, Suécia
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires,* Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia



Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo,* México
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del Pais Vasco, Espanha
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University,* Russia



Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F672 Fomento às Indicações Geográficas e Marcas Coletivas [livro eletrônico] : Volume 2: O Caso da Alta Mogiana / Organizadores Rubmara Ketzer Oliveira, Eduardo Eugênio Spers. – 1. ed. – Curitiba, PR: Editora Artemis, 2026.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-82858-17-8
DOI 10.37572/EdArt_060826178

1. Indicações geográficas. 2. Marcas coletivas. 3. Alta Mogiana (SP). I. Ketzer Oliveira, Rubmara. II. Spers, Eduardo Eugênio.

CDD 341.758

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

PRÓLOGO

Este livro é fruto do Projeto **"Fomento das indicações geográficas para desenvolvimento sustentável no campo: Indicações geográficas, relação custo-benefício para agroalimentos e difusão da prática como forma de agregar valor aos sistemas agrícolas brasileiros"**, desenvolvido na Universidade de São Paulo, por meio da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ/USP), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2023/10119-7.

Os organizadores e autores registram seu reconhecimento e agradecimento à FAPESP pelo apoio institucional e financeiro, fundamental para a realização das pesquisas de campo, visitas técnicas, análises, articulações interinstitucionais e atividades de difusão científica que tornaram possível a construção desta obra. O suporte concedido reafirma a relevância das políticas públicas de fomento à pesquisa para o avanço do conhecimento aplicado ao desenvolvimento territorial sustentável.

As Indicações Geográficas consolidaram-se, nas últimas décadas, como importantes instrumentos de valorização territorial, capazes de articular origem, identidade, produção, cultura, conhecimento tradicional e desenvolvimento econômico. Em países como o Brasil, marcados por grande diversidade ambiental, produtiva e sociocultural, esses mecanismos assumem papel estratégico ao reconhecer singularidades locais, fortalecer arranjos produtivos, estimular a cooperação entre os atores e promover formas coletivas de agregação de valor.

Esta obra dá continuidade às reflexões iniciadas no primeiro volume, dedicado à Serra da Canastra e à experiência de consolidação do Queijo Canastra como produto de origem reconhecida. Se naquele contexto a análise se concentrou nas relações entre tradição, patrimônio cultural, organização produtiva e reconhecimento territorial, o presente volume volta-se à Alta Mogiana, região historicamente vinculada à cafeicultura e reconhecida pela produção de cafés especiais de elevada qualidade.

Ao longo de seus 14 capítulos, este Volume II reúne estudos que analisam a Indicação Geográfica Alta Mogiana sob diferentes perspectivas, integrando contribuições da história, geografia, agronomia, economia, administração, gestão, educação, inovação, sustentabilidade, comunicação e comportamento do consumidor. O conjunto evidencia que uma Indicação Geográfica não se limita à delimitação de um território ou à concessão de um registro formal. Sua consolidação depende da interação entre recursos naturais, conhecimentos produtivos, instituições, estratégias de governança, relações de mercado e significados construídos coletivamente.

Os capítulos iniciais recuperam a trajetória histórica da **Indicação Geográfica Alta Mogiana** a partir da visão de seus pioneiros e do engajamento dos stakeholders que participaram de sua construção. Em seguida, a obra aborda os processos de

uso e ocupação do território, as transformações econômicas e sociais da região e as possibilidades de integração entre cafeicultura, Indicação Geográfica, desenvolvimento territorial e turismo. A caracterização ambiental complementa essa leitura ao apresentar as dinâmicas de uso e cobertura da terra, as condições climáticas e edáficas e os desafios relacionados à conservação dos atributos naturais que sustentam a qualidade e a identidade dos cafés produzidos na região.

Na sequência, o livro amplia a análise para o sistema agroindustrial do café no Brasil, situando a Alta Mogiana em um contexto marcado por transformações produtivas, mudanças regulatórias, exigências socioambientais e novas tendências de consumo. A discussão sobre território, qualidade e reputação demonstra como a origem geográfica, a tradição produtiva e as condições edafoclimáticas contribuem para a diferenciação do café e para a construção de confiança junto ao mercado. A Indicação Geográfica assume, assim, o papel de sinal de procedência e autenticidade, capaz de reduzir incertezas e ampliar o valor percebido dos produtos associados ao território.

Outro eixo central da obra refere-se ao papel das instituições públicas, das entidades de fomento e dos mecanismos de gestão na estruturação e no fortalecimento da Indicação Geográfica. Os capítulos dedicados a essa temática evidenciam que a consolidação da Alta Mogiana resulta de esforços articulados envolvendo regulamentação, assistência técnica, organização dos produtores, formação da governança e preparação dos empreendimentos para o mercado. A aplicação de ferramentas de gestão estratégica permite identificar forças, fragilidades, oportunidades e ameaças, além de propor ações voltadas à ampliação da adesão à IG, à valorização da origem e ao fortalecimento da coordenação institucional.

A governança territorial também é examinada a partir dos desafios decorrentes da sobreposição entre a Indicação de Procedência Alta Mogiana e a Indicação de Procedência Sudoeste de Minas. Essa situação revela tensões entre os limites estabelecidos pelas normas, os vínculos de pertencimento e as identidades construídas historicamente pelos atores locais. Ao mesmo tempo, demonstra que áreas de interseção podem representar tanto riscos de fragmentação institucional quanto oportunidades para a cooperação, o diálogo e a construção de arranjos compartilhados de valorização territorial.

A obra avança na compreensão da Indicação Geográfica como um possível ecossistema de inovação. Nessa perspectiva, sua capacidade de gerar novos conhecimentos, arranjos produtivos e formas de organização depende da qualidade das relações entre os atores, da gestão dos conflitos, da mediação das assimetrias de poder e da construção de objetivos compartilhados. A inovação territorial não decorre automaticamente da certificação, mas da capacidade coletiva de transformar recursos, conhecimentos e vínculos institucionais em novas oportunidades de desenvolvimento.

Nesse processo, a educação profissional ocupa posição estratégica. A formação técnica vinculada às especificidades da cafeicultura regional contribui para integrar conhecimentos científicos e saberes tradicionais, qualificar a mão de obra, fortalecer a identidade produtiva e preparar profissionais para atuar em uma cadeia cada vez mais orientada pela qualidade, sustentabilidade e inovação. A aproximação entre educação, território e sistema produtivo amplia as possibilidades de inserção profissional e contribui para a continuidade dos conhecimentos e práticas associados à cafeicultura da Alta Mogiana.

Os desafios da sustentabilidade são abordados por meio da análise das relações entre Indicações Geográficas, certificações de qualidade, normas voluntárias, neutralidade de carbono e novas exigências ambientais. Os estudos demonstram que esses instrumentos possuem objetivos distintos, embora possam atuar de forma complementar na agregação de valor, na rastreabilidade e na melhoria do desempenho socioambiental da cadeia. A agricultura regenerativa é apresentada tanto como conjunto de práticas voltadas à conservação do solo, da água e da biodiversidade quanto como narrativa de diferenciação e fortalecimento da identidade territorial.

Nos capítulos finais, a obra desloca o olhar para a comunicação e para o consumidor. As narrativas presentes nas embalagens dos cafés especiais revelam como tradição familiar, território, sustentabilidade, qualidade sensorial e afetividade são mobilizados na construção de valor simbólico. O café passa a comunicar não apenas atributos físicos, mas histórias, memórias, paisagens e modos de vida associados à Alta Mogiana. Essa dimensão é complementada pela análise das emoções e motivações envolvidas no consumo, demonstrando que a experiência com o café reúne benefícios funcionais, estímulos sensoriais, lembranças e significados que influenciam a percepção e a valorização do produto.

Ao reunir contribuições de diferentes áreas do conhecimento, esta obra busca não apenas documentar a trajetória da Indicação Geográfica Alta Mogiana, mas também oferecer subsídios teóricos e práticos para pesquisadores, gestores públicos, produtores, associações, cooperativas, instituições de ensino e agentes de desenvolvimento interessados em compreender e fortalecer as Indicações Geográficas no Brasil.

Esperamos que o livro contribua para ampliar o debate acadêmico, apoiar a construção de estratégias coletivas e inspirar novas iniciativas em territórios que compartilham desafios e potencialidades semelhantes.

Rubmara Ketzer Oliveira
Eduardo Eugênio Spers

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 ..... **1**

HISTÓRIA DA IG ALTA MOGIANA NA VISÃO DE SEUS PIONEIROS: UMA ANÁLISE DO ENGAJAMENTO DOS STAKEHOLDERS

Renata A Forato
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261781

CAPÍTULO 2 ..... **9**

USO E OCUPAÇÃO DA REGIÃO ALTA MOGIANA: DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL ATUAL, INDICAÇÃO GEOGRÁFICA E TURISMO

Everlysy dos Santos Messas Valerio
Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz
Carlos Eduardo de Freitas Vian

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261782

CAPÍTULO 3 ..... **26**

CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL E DINÂMICAS DE USO E COBERTURA DA TERRA NA IG ALTA MOGIANA

Rubmara Ketzer Oliveira
Gustavo Verruma Bernardi
Anderson Victor dos Santos
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261783

CAPÍTULO 4 ..... **50**

O SISTEMA AGROINDUSTRIAL DO CAFÉ NO BRASIL: PANORAMA, TENDÊNCIAS E DESAFIOS

Sandra Mara de Alencar Schiavi
Marcelo Marques de Magalhães
Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261784

CAPÍTULO 5 82

TERRITÓRIO, QUALIDADE E REPUTAÇÃO: A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA ALTA MOGIANA

Breno Rodrigues Acacio
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261785

CAPÍTULO 6 93

A CONTRIBUIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE GOVERNO E DE FOMENTO PARA A ESTRUTURAÇÃO DA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DO CAFÉ DA ALTA MOGIANA

Francisco José Mitidieri
Antonio Lopes Junior
Benedito Donizetti dos Santos
Carlos Reys Vukomanovi
Francisco Rodrigo Martins
Marcia Cristina de Moraes
Ricardo Moncorvo Tonet
Vivaldo Alberto Viganó
Marcel Azevedo Batista D'Alexandria
João Paulo R. Arciprete
Simone Goldman Batistic Ribeiro

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261786

CAPÍTULO 7 107

GESTÃO ESTRATÉGICA EM INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS: O CASO DA ALTA MOGIANA

Maria Eduarda Fernandes Ignácio
Rubmara Ketzer Oliveira
Anderson Victor dos Santos
Gustavo Verruma Bernardi
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261787

CAPÍTULO 8.....**124**

ENTRE A SOBREPOSIÇÃO NORMATIVA E A IDENTIDADE: DESAFIOS DE GOVERNANÇA ENTRE A IP ALTA MOGIANA E A IP SUDOESTE DE MINAS

Marcel Azevedo Batista D'Alexandria
Everlysy dos Santos Messas Valerio
Débora Dias Panicachi
Eduardo Eugênio Spers
Francisco José Mitidieri

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261788

CAPÍTULO 9..... **146**

A IG DA ALTA MOGIANA E A GENERATIVIDADE DOS ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO

Fábio Nazhar
Felipe Mendes Borini
José Afonso Mazzon
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261789

CAPÍTULO 10.....**163**

O PAPEL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO FORTALECIMENTO DA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA ALTA MOGIANA

Anderson Victor dos Santos
Rubmara Ketzer Oliveira
Gustavo Verruma Bernardi
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617810

CAPÍTULO 11.....**178**

SUSTENTABILIDADE NA CADEIA DO CAFÉ: INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS, CERTIFICAÇÕES DE QUALIDADE, NORMAS VOLUNTÁRIAS DE SUSTENTABILIDADE E NEUTRALIDADE DE CARBONO

Danielle Mendes Thame Denny
Gustavo Verruma Bernardi
Rubmara Ketzer Oliveira
Rosebelly Nunes Marques

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617811

CAPÍTULO 12 206

A PRÁTICA DA AGRICULTURA REGENERATIVA NO CAFÉ DA ALTA MOGIANA

Gustavo Verruma Bernardi
Rubmara Ketzer Oliveira
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617812

CAPÍTULO 13 218

O CAFÉ COMO NARRATIVA: STORYTELLING, TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE NOS CAFÉS DA ALTA MOGIANA

Rubmara Ketzer Oliveira
Anderson Victor dos Santos
Gustavo Verruma Bernardi
Sabrina Godinho Rebouças
Breno Rodrigues Acacio
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617813

CAPÍTULO 14 238

AS EMOÇÕES E MOTIVAÇÕES NO CONSUMO DE CAFÉ

Laleska Rossi Moda
Breno Rodrigues Acacio
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617814

SOBRE OS ORGANIZADORES 247

ÍNDICE REMISSIVO 248

CAPÍTULO 2

USO E OCUPAÇÃO DA REGIÃO ALTA MOGIANA: DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL ATUAL, INDICAÇÃO GEOGRÁFICA E TURISMO

Data de submissão: 10/07/2026
Data de aceite: 24/07/2026

Everlysy dos Santos Messas Valerio
Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz"
Universidade de São Paulo
https://orcid.org/0009-0007-6011-8253
http://lattes.cnpq.br/1333615554037277

Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz
Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz"
Universidade de São Paulo
https://orcid.org/0000-0002-2600-7169
http://lattes.cnpq.br/6995118783898309

Carlos Eduardo de Freitas Vian
Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz"
Universidade de São Paulo
https://orcid.org/0000-0001-8212-9112
http://lattes.cnpq.br/2270043064790884

RESUMO: O objetivo deste texto é discorrer sobre o uso e ocupação da região da Alta Mogiana, seu desenvolvimento territorial, envolvendo as Indicações Geográficas e a atividade turística nascente. O texto abraça, para seu desenvolvimento, uma abordagem qualitativa privilegiando a análise dos processos da formação do território em pauta, detectando seus arranjos sociais e especiais dos grupos que o construíram. Os resultados esperados voltam-se para compreensão da realidade dos municípios da Alta Mogiana, seus conflitos, iniciativas como as Indicações Geográficas, turismo e uma visão moderna voltada para a exportação e sustentabilidade região da Alta Mogiana, situada no nordeste do estado de São Paulo, tem essa denominação devido a existência da estrada de ferro de mesmo nome e também por estar localizada na bacia do rio Mogi-Guaçu que significa "rio das cobras grandes" do tupi-guarani. Destacando aqui o município de Franca, localizado na Alta Mogiana, ressalta-se que foi inicialmente pouso para viajantes que por ali passavam em direção aos sertões a procurar ouro e pedras preciosas. Este território foi habitado por índios Caiapós. As aldeias foram construídas às margens dos rios Pardo e Sapucaí, na área de Batatais, local de lavoura de batatas (PALERMO, 1980). A área compreende os municípios de Franca, Batatais, Pedregulho, Altinópolis, entre outros, localizada em um planalto com altitudes elevadas e relevo ondulado, propício ao plantio de café.

PALAVRAS-CHAVE: formação territorial; cafeicultura; Indicação Geográfica; turismo rural; Alta Mogiana.

LAND USE AND OCCUPATION IN THE ALTA MOGIANA REGION: CURRENT TERRITORIAL DEVELOPMENT, GEOGRAPHICAL INDICATION, AND TOURISM

ABSTRACT: This article aims to discuss land use and occupation in the Alta Mogiana region and its territorial development, with particular emphasis on Geographical Indications and the emerging tourism sector. The study adopts a qualitative approach, focusing on the processes involved in the formation of the territory and identifying the social and spatial arrangements established by the groups that contributed to its development. The expected results are related to a better understanding of the realities of the municipalities comprising Alta Mogiana, their conflicts, and initiatives involving Geographical Indications and tourism, as well as the emergence of a modern perspective focused on exports and regional sustainability. Located in the northeastern portion of the state of São Paulo, the Alta Mogiana region derives its name from the former railway of the same name and from its location within the Mogi-Guaçu River basin. The name Mogi-Guaçu originates from the Tupi-Guarani language and means “river of the large snakes.” Particular attention is given to the municipality of Franca, located in Alta Mogiana, which initially served as a stopping point for travelers heading toward the hinterlands in search of gold and precious stones. This territory was inhabited by the Caiapó Indigenous people, whose villages were established along the banks of the Pardo and Sapucaí rivers, in the area now corresponding to Batatais, a place historically associated with potato cultivation (PALERMO, 1980). The region encompasses the municipalities of Franca, Batatais, Pedregulho, Altinópolis, among others, and is situated on a high-altitude plateau characterized by undulating terrain that is particularly suitable for coffee cultivation.
KEYWORDS: territorial formation; coffee farming; Geographical Indication; rural tourism; Alta Mogiana.

1. INTRODUÇÃO

A região da Alta Mogiana, situada no nordeste do estado de São Paulo, apresenta uma formação territorial diretamente relacionada à expansão da cafeicultura, à imigração, à implantação da infraestrutura ferroviária e ao desenvolvimento de núcleos urbanos. Embora o café tenha ocupado posição central na economia regional, a presença dos imigrantes também esteve associada a atividades de abastecimento, subsistência, comércio e diversificação profissional, o que demonstra a complexidade econômica e social da região (Calsani, 2010, p. 12-14).

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro desempenhou papel relevante nesse processo, pois seus trilhos alcançaram localidades predominantemente rurais e contribuíram para o desenvolvimento de cidades e centros produtores de café, entre os quais Campinas, Ribeirão Preto, Franca e Uberaba. A atuação da ferrovia transformou aspectos econômicos e culturais dessas localidades, contribuindo, inclusive, para sua identificação como Média e Alta Mogiana (Rocha; Kühl, 2026, p. 2).

Nas últimas décadas, essa trajetória histórica passou a ser reinterpretada por meio de iniciativas voltadas à valorização da procedência e da qualidade do café. A Indicação Geográfica da Região da Alta Mogiana foi instituída em um contexto marcado pela antiga relação do território com a cafeicultura e pelo crescimento da demanda dos consumidores por cafés especiais. Entretanto, sua consolidação depende da organização coletiva, da definição adequada das regras de utilização e da participação dos diferentes grupos de produtores (Cardoso, 2022, p. 71-72).

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar o uso e a ocupação da região da Alta Mogiana, relacionando seu processo de formação histórica às estratégias contemporâneas de desenvolvimento territorial, com ênfase nas Indicações Geográficas e na atividade turística. Busca-se compreender como a cafeicultura, a ferrovia, a imigração e as iniciativas recentes de valorização da origem contribuíram para a organização e a ressignificação do território regional.

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza analítica e interpretativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise documental. Inicialmente, examina-se a evolução histórico-territorial do município de Franca e sua inserção na Alta Mogiana. Em seguida, são abordados os ciclos econômicos regionais, as Indicações Geográficas e o turismo como possíveis instrumentos de valorização territorial e diversificação econômica.

2. HISTÓRICO DA REGIÃO DA ALTA MOGIANA

A formação histórica de Franca e da Alta Mogiana antecede a especialização cafeeira e a integração ferroviária que, posteriormente, conferiram maior projeção econômica à região. Durante o século XIX, o nordeste paulista apresentava uma economia diversificada, composta pela pecuária e seus derivados, pelo comércio de sal, pela agricultura destinada à subsistência e aos mercados regionais, por engenhos de açúcar e aguardente, pela tecelagem, pelo garimpo, por atividades artesanais e pelas primeiras plantações de café (CALSANI, 2010, p. 55).

Nesse contexto, a posição de Franca nas rotas terrestres que conduziam aos sertões de Goiás favoreceu sua formação como posto de monta e ponto de apoio aos tropeiros que transportavam sal e outros mantimentos. Essa função de passagem contribuiu para o desenvolvimento de atividades comerciais, artesanais e de prestação de serviços, criando condições para a consolidação gradual do município como centro regional de circulação e abastecimento (SOUZA; BARBOSA; BRUSADIN, 2009, p. 3).

Antes que o café se tornasse a principal atividade econômica, a região já apresentava formas diversificadas de uso e ocupação do território. A agricultura de

subsistência, a criação de animais, a produção de açúcar e aguardente, o comércio e as atividades artesanais integravam uma economia voltada tanto ao consumo local quanto ao abastecimento de outros mercados. A pecuária, em particular, exerceu papel relevante na economia do nordeste paulista, estimulando o surgimento de atividades complementares (CALSANI, 2010, p. 55).

Ao longo do século XIX, contudo, a expansão da fronteira agrícola paulista promoveu uma profunda reconfiguração territorial. A cafeicultura passou progressivamente a ocupar posição central na economia da Alta Mogiana, sem eliminar completamente a policultura, a pequena produção e as atividades de abastecimento. Além do café, produtos como milho, feijão, açúcar, uva e aguardente mantiveram relevância econômica, demonstrando a existência de uma produção mercantil paralela à atividade cafeeira (CALSANI, 2010, p. 53-55).

A expansão da produção cafeeira também esteve relacionada à chegada de trabalhadores imigrantes, especialmente italianos. Embora muitos tenham sido direcionados às fazendas de café, sua atuação não se restringiu aos cafezais. Os imigrantes participaram de atividades de subsistência, abastecimento interno, comércio, serviços urbanos e produção artesanal, contribuindo para a diversificação econômica e social da Alta Mogiana (CALSANI, 2010, p. 12-14).

A implantação da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro representou outro momento decisivo desse processo. A ferrovia alcançou localidades predominantemente rurais, favoreceu o desenvolvimento de cidades e colocou em evidência importantes centros produtores de café, como Campinas, Ribeirão Preto, Franca e Uberaba. Sua atuação transformou a economia e a cultura das regiões atendidas, contribuindo para que fossem identificadas como Média e Alta Mogiana (MATOS, 1974, p. 91, 114 apud ROCHA; KÜHL, 2026, p. 2).

Ao articular fazendas, núcleos urbanos e centros comerciais, a Estrada de Ferro Mogiana ampliou as possibilidades de circulação de pessoas, mercadorias e capitais. Dessa forma, a Alta Mogiana consolidou-se não apenas como espaço agrícola, mas como território integrado por redes ferroviárias, relações comerciais e centros urbanos progressivamente mais complexos.

Em Franca, as atividades vinculadas às antigas rotas de circulação, ao artesanato e ao trabalho com o couro também contribuíram para o posterior desenvolvimento da indústria calçadista. A produção de calçados evoluiu gradualmente da fase artesanal para a manufatureira e, posteriormente, para a organização industrial. No início do século XX, surgiram empresas voltadas à fabricação de sapatos e outros produtos de couro,

embora grande parte dos empreendimentos tenha se originado de pequenas oficinas e acumulado capital de maneira lenta (SOUZA; BARBOSA; BRUSADIN, 2009, p. 3-4).

Desse modo, a evolução histórico-territorial de Franca deve ser compreendida como parte de um processo regional constituído por sucessivas transformações econômicas e sociais. Das rotas dos tropeiros e da economia diversificada de abastecimento à expansão cafeeira, à imigração, à integração ferroviária e à industrialização calçadista, diferentes agentes e atividades contribuíram para a produção social do território. Essa trajetória explica a consolidação de Franca como centro regional e a densidade histórica, econômica e cultural que ainda orienta as formas contemporâneas de identidade e valorização da Alta Mogiana.

3. CICLOS ECONÔMICOS: CAFÉ, IMIGRAÇÃO, FERROVIA, INDUSTRIALIZAÇÃO, AGROINDÚSTRIA E DIVERSIFICAÇÃO

A Alta Mogiana consolidou-se historicamente a partir de ciclos econômicos que transformaram profundamente o uso da terra, a estrutura social, a configuração urbana e a inserção da região em mercados mais amplos. Esses ciclos não devem ser compreendidos como fases estanques e absolutamente separadas, mas como processos interligados, muitas vezes sobrepostos, que produziram novas combinações territoriais ao longo do tempo.

O café foi, sem dúvida, o principal motor dessa transformação. A combinação entre altitude, relevo ondulado, clima e solos favoráveis criou condições ideais para o avanço da cafeicultura, que passou a definir a economia regional a partir do século XIX. A produção cafeeira reorganizou a posse da terra, estimulou investimentos, fortaleceu a concentração fundiária e promoveu a inserção da região em circuitos de exportação. O café não apenas gerou riqueza; ele redefiniu a paisagem, moldou relações sociais e atribuiu à Alta Mogiana uma identidade econômica duradoura.

Associada à expansão do café, a imigração foi elemento central na reorganização da força de trabalho e na constituição social da região, sobretudo no período de transição do trabalho escravizado para novas formas de contratação e colonato (CALSANI, 2010). Com o declínio do trabalho escravizado, a incorporação de imigrantes, sobretudo italianos, tornou-se decisiva para a manutenção e a expansão da produção. Esses grupos desempenharam papéis múltiplos, atuando na lavoura, no abastecimento interno, no pequeno comércio e em atividades urbanas e rurais diversificadas. Sua presença alterou padrões culturais, práticas de trabalho e formas de sociabilidade, deixando marcas profundas no território da Alta Mogiana.

A ferrovia consolidou a região como espaço econômico estratégico. A Estrada de Ferro Mogiana reduziu custos de transporte, encurtou distâncias, ampliou a circulação de mercadorias e permitiu maior integração aos mercados consumidores e exportadores. Ao redor dos trilhos e estações, cidades e vilas se fortaleceram, novos serviços se instalaram e a hierarquia regional se reorganizou. A ferrovia não foi apenas meio técnico de transporte; ela funcionou como instrumento de produção territorial e de modernização econômica.

Em momento posterior, a industrialização acrescentou nova dimensão ao desenvolvimento da Alta Mogiana, tendo Franca como um de seus casos mais expressivos. A gênese da indústria calçadista francana relaciona-se à antiga atividade pecuária e à posição do município nas rotas percorridas por tropeiros, circunstâncias que favoreceram a disponibilidade de couro e o desenvolvimento de ofícios ligados à fabricação e ao reparo de arreios, selas, botas e outros artefatos (SILVA, 2023, p. 100).

Inicialmente, a produção era realizada de forma artesanal por sapateiros e seleiros, passando gradualmente à organização manufatureira e, posteriormente, à industrial. Nas primeiras décadas do século XX, começaram a surgir empresas mais estruturadas para a fabricação de calçados, embora permanecessem numerosas pequenas oficinas e formas artesanais de trabalho (SOUZA; BARBOSA; BRUSADIN, 2009, p. 3-4).

A consolidação das fábricas de calçados estimulou o desenvolvimento de setores correlatos, como curtumes, indústrias de solados, saltos e componentes, fornecedores de máquinas e equipamentos, oficinas de manutenção, estabelecimentos comerciais e serviços técnicos especializados. Formou-se, assim, uma cadeia produtiva capaz de articular diferentes empresas e atividades em torno da fabricação de calçados de couro (FOLLIS, 2007, p. 88-90).

A expansão desse complexo industrial, sobretudo a partir das décadas de 1970 e 1980, ampliou a produção destinada aos mercados interno e externo, gerou empregos e atraiu trabalhadores para o município, acelerando seu processo de urbanização e reforçando a centralidade econômica de Franca na região (SOUZA; BARBOSA; BRUSADIN, 2009, p. 4-5).

Assim, o desenvolvimento industrial de Franca não ocorreu de forma dissociada das atividades anteriormente existentes. Ele resultou da transformação dos conhecimentos artesanais relacionados ao couro, da formação progressiva de empresas especializadas e da constituição de uma rede de fornecedores, serviços e instituições vinculadas à produção calçadista. Esse processo diversificou a economia municipal e ampliou suas conexões comerciais regionais, nacionais e internacionais.

A agroindústria e a diversificação produtiva representam etapas mais recentes desse percurso. Sem abandonar a centralidade simbólica do café, a região passou a incorporar novas formas de beneficiamento, inovação tecnológica, qualificação produtiva e estratégias de diferenciação. A produção agrícola deixa de ser vista somente em termos de quantidade e passa a ser valorizada também por critérios de qualidade, rastreabilidade, sustentabilidade e reputação territorial. Esse deslocamento é particularmente importante no contexto atual, em que mercados especializados valorizam produtos com origem reconhecida e identidade definida.

Desse modo, os ciclos econômicos da Alta Mogiana revelam um território em permanente reorganização. Da expansão cafeeira à industrialização, da imigração à valorização contemporânea da qualidade e da origem, a região foi progressivamente convertendo suas bases históricas em novas possibilidades de inserção econômica. Essa trajetória cria as condições para compreender a emergência das Indicações Geográficas e do turismo como estratégias contemporâneas de desenvolvimento territorial.

4. INDICAÇÃO GEOGRÁFICA: CAFÉ, IDENTIDADE TERRITORIAL E DIFERENCIAÇÃO

No contexto contemporâneo, a Alta Mogiana vem consolidando sua imagem como território de produção qualificada, especialmente no segmento cafeeiro, em diálogo com a valorização dos cafés especiais, da rastreabilidade e da origem reconhecida (SOUZA, 2024). Essa transformação se relaciona diretamente com o fortalecimento das Indicações Geográficas, que operam como instrumentos de reconhecimento da origem e de agregação de valor econômico aos produtos vinculados a determinado espaço. Mais do que um selo distintivo, a IG representa um mecanismo de articulação entre território, reputação, qualidade e governança.

No caso da Alta Mogiana, a Indicação Geográfica do café expressa a tentativa de converter uma trajetória histórica de produção em vantagem competitiva contemporânea. O café produzido na região deixa de ser percebido apenas como item agrícola padronizado e passa a ser valorizado por atributos associados à procedência, ao terroir, às condições naturais, ao conhecimento acumulado e à reputação construída ao longo do tempo. O território, nesse processo, converte-se em ativo econômico e simbólico.

Essa valorização não ocorre automaticamente, pois a efetividade de uma Indicação Geográfica depende de governança, tradução institucional de regras, mecanismos de controle e participação dos produtores (CARDOSO, 2022). A consolidação de uma IG depende de organização coletiva, definição de critérios, delimitação territorial, padronização de atributos e construção institucional. Assim, a origem reconhecida não

é apenas um dado natural, mas resultado de processos sociais e políticos nos quais diferentes agentes disputam legitimidade, participação e benefícios. As regras que definem quem pertence ao território certificado, quais padrões devem ser atendidos e como o produto será promovido refletem escolhas e relações de poder que influenciam o desenvolvimento regional.

A IG também se articula à ascensão do mercado de cafés especiais, segmento no qual qualidade, experiência sensorial, reputação territorial, sustentabilidade e acesso a mercados diferenciados passam a influenciar a rentabilidade dos produtores (SOUZA, 2024). Em nichos mais exigentes, consumidores valorizam cada vez mais a história do produto, a singularidade da região, a rastreabilidade e a sustentabilidade das práticas produtivas. Nesse cenário, a Alta Mogiana fortalece sua inserção em cadeias econômicas mais sofisticadas e amplia seu potencial de exportação. A reputação territorial torna-se, assim, componente estratégico da competitividade regional.

Além da dimensão econômica, a Indicação Geográfica reforça a identidade territorial. Ao vincular produto e lugar, ela contribui para consolidar narrativas coletivas sobre a região, sua tradição produtiva, sua qualidade e sua singularidade. Isso não elimina conflitos internos nem desigualdades entre produtores, mas amplia a visibilidade da Alta Mogiana como território dotado de especificidade reconhecida.

Desse modo, a IG do café pode ser entendida como expressão de uma nova etapa do desenvolvimento territorial regional. Ela traduz o movimento pelo qual a região atualiza seu passado cafeeiro e o transforma em recurso contemporâneo, articulando tradição, mercado, exportação e sustentabilidade. Trata-se de um processo que revaloriza a origem sem reduzi-la a mera memória, convertendo-a em estratégia econômica e política para o presente.

5. TURISMO E SEU PAPEL COMO ATIVIDADE INTEGRADORA

O turismo emerge na Alta Mogiana como atividade ainda em consolidação, mas com significativo potencial de integração territorial, sobretudo quando articulado a planejamento regional, governança pública e privada e valorização de recursos culturais e produtivos (BRANQUINHO; MACHADO NETO, 2017). Sua relevância decorre da capacidade de articular diferentes ativos regionais, como paisagem, patrimônio histórico, cultura cafeeira, memória ferroviária, gastronomia, produção local e eventos. Em regiões cuja identidade foi historicamente moldada por ciclos produtivos e por formas específicas de ocupação do espaço, o turismo pode atuar como vetor de diversificação econômica e de valorização da singularidade territorial.

Na Alta Mogiana, esse potencial está fortemente associado ao café. A valorização crescente dos cafés especiais, da origem e da experiência de consumo abre espaço para formas de turismo que aproximam o visitante dos processos produtivos, das fazendas, da cultura regional e das narrativas históricas associadas ao território. O turismo do café pode fortalecer a imagem regional, ampliar a circulação de renda local e contribuir para a formação de circuitos integrados entre produção, hospitalidade, cultura e comércio.

Outro eixo importante é a memória ferroviária. A antiga Estrada de Ferro Mogiana permanece como referência identitária da região, tanto no plano histórico quanto no imaginário social. Estações, traçados, edificações e narrativas vinculadas à ferrovia podem ser reinterpretados como patrimônio cultural e integrados a projetos turísticos que articulem educação patrimonial, preservação e desenvolvimento regional. Ao resgatar a importância da ferrovia na formação da Alta Mogiana, o turismo contribui para reforçar a compreensão histórica do território.

Além disso, a região dispõe de outros elementos relevantes para a consolidação da atividade turística, como paisagens naturais, tradições locais, gastronomia, eventos e experiências ligadas ao meio rural. Municípios como Franca, Batatais, Pedregulho e Altinópolis apresentam potencial para a construção de roteiros e estratégias de promoção que valorizem as especificidades locais sem perder a coerência regional.

Entretanto, o turismo não se desenvolve espontaneamente; sua consolidação demanda articulação regional, plano diretor, mapeamento de infraestrutura, participação pública e privada e protagonismo dos atores locais (BRANQUINHO; MACHADO NETO, 2017). Sua consolidação exige planejamento, infraestrutura, cooperação entre atores públicos e privados, qualificação de serviços, preservação do patrimônio e definição de estratégias de promoção. Sem essas condições, o potencial turístico tende a permanecer disperso ou a gerar resultados limitados. Por isso, o turismo deve ser pensado como política territorial integrada, e não apenas como atividade acessória.

Quando associado às Indicações Geográficas, à cultura cafeeira e ao patrimônio regional, o turismo amplia as possibilidades de desenvolvimento da Alta Mogiana. Ele permite que a região seja reconhecida não apenas por aquilo que produz, mas também pela experiência territorial que oferece. Nesse sentido, sua função integradora reside precisamente na capacidade de conectar economia, cultura, memória e sustentabilidade em uma mesma estratégia regional.

6. COCAPEC, COOPERATIVISMO E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA ALTA MOGIANA

A compreensão do desenvolvimento territorial contemporâneo da Alta Mogiana exige atenção às instituições que organizam a produção, aproximam produtores de mercados e traduzem demandas econômicas, técnicas e socioambientais em práticas coletivas. Nesse ponto, a Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas – Cocapec – ocupa posição estratégica. Sua trajetória permite observar como o cooperativismo cafeeiro atua não apenas como mecanismo de comercialização, mas como forma de governança territorial, suporte técnico, representação política, difusão tecnológica e construção de identidade regional.

A Cocapec completou 40 anos em 2025, marco que permite situar sua origem em 1985 e relacionar sua formação ao contexto de organização coletiva dos cafeicultores da região. A própria revista institucional da cooperativa registra a primeira diretoria em 1985 e a formação da diretoria executiva em 2025, evidenciando a continuidade institucional e a passagem de diferentes ciclos de gestão (COCAPEC, 2025). Ao longo desse período, a cooperativa se expandiu estruturalmente com abertura de unidades, acompanhando a presença da cafeicultura em diferentes localidades e procurando "chegar onde a cafeicultura chamava", conforme registrado pela própria instituição (COCAPEC, 2025).

Essa expansão não deve ser compreendida somente como crescimento empresarial. Ela indica a territorialização de uma rede de serviços, assistência e comercialização que se distribui pela Alta Mogiana paulista e mineira. A Cocapec mantém matriz em Franca e núcleos em Capetinga, Claraval, Cristais Paulista, Ibiraci, Itamogi, Pedregulho e São Tomás de Aquino, o que demonstra sua atuação regional e sua capacidade de articular produtores situados em municípios distintos, mas vinculados por uma mesma base produtiva e cultural: a cafeicultura (COCAPEC, 2025). A presença nesses núcleos reforça a ideia de que a Alta Mogiana não se explica apenas por limites administrativos, mas por circuitos econômicos, relações de cooperação e fluxos produtivos que atravessam a divisa entre São Paulo e Minas Gerais.

A escala alcançada pela cooperativa confirma seu papel econômico. Segundo a edição comemorativa de maio/junho de 2025, sua área de atuação compreende aproximadamente 100 mil hectares, distribuídos em 17 municípios, com produção média de 1.280.000 sacas. O número de cooperados também cresceu substancialmente: no primeiro ano, eram aproximadamente 300; quatro décadas depois, são mais de três mil famílias cooperadas (COCAPEC, 2025). Esses dados revelam a transformação da cooperativa em agente coletivo de grande relevância para a organização regional

da cafeicultura, pois sua atuação envolve famílias, propriedades, trabalhadores, transportadores, compradores, fornecedores e instituições financeiras.

No plano produtivo, a Cocapec contribui para transformar a produção cafeeira em processo mais qualificado, rastreável e orientado ao mercado. A revista institucional descreve que cada saca recebida passa por sistema organizado de recepção, medição, triagem, armazenagem em big bags com identificação eletrônica, coleta de amostras e classificação, conectando o produtor a mercados importantes e buscando garantir rentabilidade (COCAPEC, 2025). Essa estrutura indica que a cooperativa atua como intermediária entre a propriedade rural e os mercados mais exigentes, convertendo práticas dispersas em procedimentos padronizados de qualidade, logística e comercialização.

Essa mediação é particularmente relevante no contexto dos cafés especiais. A inserção dos produtores da Alta Mogiana em cadeias globais de cafés diferenciados depende de qualidade, gestão, logística, certificações, concursos, sustentabilidade e capacidade de acessar compradores que valorizam origem e atributos sensoriais (SOUZA, 2024). A Cocapec, ao organizar armazenamento, classificação, eventos técnicos, concursos de qualidade e acesso a canais de comercialização, atua como infraestrutura institucional que amplia as condições de competitividade do produtor. Portanto, sua importância não se limita ao repasse de serviços: ela participa da própria construção social e mercadológica da reputação regional.

O cooperativismo também possui função de proteção econômica. Em 2025, a Cocapec informou que, por operação técnica junto aos órgãos estaduais de Minas Gerais, conseguiu recuperar créditos de ICMS referentes a vendas de café realizadas entre agosto e dezembro de 2024, monetizando R$ 2,2 milhões e convertendo esse valor em créditos exclusivos para cooperados mineiros utilizarem nas lojas da cooperativa (COCAPEC, 2025). A informação é importante porque demonstra a capacidade institucional de transformar uma complexidade tributária em benefício concreto ao quadro social. Em termos territoriais, esse tipo de ação fortalece a permanência do produtor na atividade e reforça a função da cooperativa como mediadora de recursos, direitos e oportunidades.

A dimensão econômica aparece ainda nos resultados financeiros recentes. Na Assembleia Geral Ordinária de 2025, a Cocapec informou faturamento líquido de R$ 2.116.482.967,00, resultado operacional de R$ 54.354.819,00 e distribuição direta de sobras aos cooperados superior a R$ 18 milhões, somando valores deliberados em AGO e resultados já destinados (COCAPEC, 2025). Embora esses números precisem ser lidos como dados institucionais, eles indicam que a cooperativa atingiu escala relevante no agronegócio brasileiro e que sua operação impacta diretamente a renda regional, a

capacidade de investimento dos cooperados e o dinamismo econômico de Franca e dos municípios vizinhos.

A importância da Cocapec também se expressa na representação política e setorial. A revista comemorativa informa sua presença em entidades como Conselho Nacional do Café, Conab e Organização das Cooperativas Brasileiras, além da intercooperação com o Sicoob Credicocapec, criado para apoiar economicamente cafeicultores e viabilizar investimentos (COCAPEC, 2025). Essa dimensão confirma que o cooperativismo atua como ponte entre o produtor e arenas institucionais mais amplas. Em um mercado sujeito a volatilidade de preços, exigências socioambientais, variações cambiais e padrões internacionais de compra, a representação coletiva amplia a capacidade de defesa dos interesses regionais.

No campo social, a atuação da Cocapec revela aderência ao sétimo princípio do cooperativismo, relativo ao interesse pela comunidade. Em 2025, a cooperativa oficializou a entrega de R$ 248 mil à APAE Franca, valor arrecadado no leilão beneficente do Concurso de Qualidade Senhor Café; a ação decorreu da venda de seis lotes campeões, que juntos alcançaram R$ 496 mil (COCAPEC, 2025). O episódio mostra que a valorização dos cafés especiais pode ultrapassar a esfera estritamente mercantil e produzir efeitos sociais locais, conectando qualidade produtiva, reconhecimento do produtor, solidariedade e fortalecimento de instituições regionais.

A dimensão educativa também merece destaque. A Cocapec tem apoiado iniciativas de aproximação entre jovens, educadores e a realidade produtiva do agronegócio, em parceria com a ABAG-RP, reafirmando o papel educador do cooperativismo e o compromisso com a formação de novos profissionais (COCAPEC, 2025). Essa frente dialoga com o desafio da sucessão rural, tema sensível em regiões agrícolas marcadas pela presença de famílias produtoras. Ao criar espaços de formação, visitas, eventos e comitês, a cooperativa contribui para que a cafeicultura seja percebida não apenas como herança familiar, mas como atividade tecnicamente complexa, inovadora e capaz de dialogar com as novas gerações.

A sustentabilidade aparece como outro eixo de atualização institucional. A Cocapec informa ter avançado na implantação de usinas fotovoltaicas próprias em sete localidades estratégicas: Cristais Paulista, Pedregulho, Ibiraci, Franca, Claraval, São Tomás de Aquino e Capetinga, com o objetivo de reduzir custos, ampliar autonomia energética e reforçar compromisso ambiental. A mesma edição destaca o Projeto Raízes, relacionado ao reflorestamento regional e à compensação de emissões do Simcafé 2025 (COCAPEC, 2025). Essas ações indicam que a cooperativa procura responder a um contexto em que

mercados internacionais, consumidores e políticas públicas exigem maior atenção à responsabilidade ambiental e à baixa emissão de carbono.

Do ponto de vista da Indicação Geográfica, a Cocapec pode ser interpretada como uma meso-instituição relevante. Cardoso (2022) demonstra que, nas IGs de café, a participação dos agricultores familiares e de pequenos produtores depende da forma como as regras são traduzidas, implementadas, monitoradas e comunicadas. A autora também aponta que a falta de informação sobre IG e o reconhecimento de mercado podem afetar a adoção desses signos distintivos pelos produtores. Nesse contexto, cooperativas como a Cocapec tendem a desempenhar papel decisivo ao difundir conhecimento técnico, organizar padrões de qualidade, aproximar produtores de mercados e reduzir assimetrias de informação.

Essa leitura permite compreender a Cocapec como agente que articula tradição e futuro. Sua história está vinculada à consolidação da cafeicultura regional, mas sua atuação recente mostra preocupação com rastreabilidade, segurança na safra, transporte, inovação, crédito, formação, sustentabilidade, energia renovável e inserção internacional. Ao mesmo tempo, seus concursos, marcas, eventos e ações sociais contribuem para narrar a Alta Mogiana como território de café de qualidade, trabalho familiar, cooperação e responsabilidade coletiva. A cooperativa, portanto, não é apenas consequência do território cafeeiro; ela também ajuda a produzir e renovar esse território.

Por essa razão, a história da Cocapec deve ser incorporada à análise do desenvolvimento territorial da Alta Mogiana. Se a ferrovia organizou a circulação no ciclo de expansão cafeeira e se a imigração redefiniu a composição social do trabalho, o cooperativismo contemporâneo cumpre função equivalente na etapa atual: organiza a produção, estrutura serviços, amplia a escala comercial, melhora a capacidade de negociação, reforça vínculos comunitários e traduz exigências globais em práticas locais. Assim, a Cocapec expressa uma forma contemporânea de territorialização da cafeicultura, na qual origem, qualidade, governança, sustentabilidade e cooperação se tornam dimensões inseparáveis.

7. RESULTADOS

A análise do uso e da ocupação da Alta Mogiana demonstra que a região foi historicamente moldada por processos econômicos, sociais e espaciais que não podem ser compreendidos de forma fragmentada. A presença indígena, a circulação de tropeiros, a função de pouso exercida por Franca, a expansão da cafeicultura, a imigração, a ferrovia, a industrialização regional, as Indicações Geográficas, o turismo e

o cooperativismo compõem um conjunto articulado de transformações que produziram a identidade territorial da região (ROCHA; KÜHL, 2026).

Um dos aspectos mais relevantes observados é que o desenvolvimento territorial atual da Alta Mogiana não rompe com sua trajetória histórica, mas a ressignifica. O passado cafeeiro e ferroviário, longe de permanecer como herança inerte, converte-se em base para novas estratégias econômicas e simbólicas. A região passa a mobilizar sua história, suas condições naturais, sua reputação produtiva e suas instituições coletivas como ativos capazes de sustentar diferenciação, exportação, reconhecimento mercadológico e visibilidade territorial (SOUZA, 2024).

As Indicações Geográficas revelam essa reinterpretação com clareza. Elas expressam uma lógica de desenvolvimento em que a origem passa a ter valor econômico e político. Ao mesmo tempo, evidenciam que a valorização territorial depende de governança, coordenação institucional e mediação entre interesses distintos. O território reconhecido não é dado apenas pela natureza ou pela tradição, mas pela capacidade de transformar atributos locais em linguagem coletiva legitimada por instituições, associações, cooperativas e demais organizações intermediárias (CARDOSO, 2022).

O turismo, por sua vez, amplia esse movimento ao atribuir centralidade à experiência do território. Ele conecta produção, memória, paisagem, cultura e patrimônio, permitindo que a Alta Mogiana seja percebida não apenas como espaço de produção agrícola, mas como território dotado de densidade histórica e singularidade cultural. Entretanto, essa potencialidade exige planejamento regional, infraestrutura, articulação público-privada e inclusão dos atores locais, conforme apontam Branquinho e Machado Neto (2017) ao tratarem da prospecção de cenários para o setor turístico de Franca e região.

A Cocapec acrescenta uma dimensão institucional decisiva a esse quadro. Sua trajetória de 40 anos, sua escala regional, sua atuação em diferentes municípios, sua capacidade de organizar produção, qualidade, armazenagem, comercialização, crédito, assistência, educação, sustentabilidade e responsabilidade social demonstram que o cooperativismo deve ser lido como parte do próprio desenvolvimento territorial da Alta Mogiana (COCAPEC, 2025). A cooperativa funciona como ponte entre produtores locais e mercados nacionais e internacionais, entre exigências globais e práticas produtivas regionais, entre tradição cafeeira e inovação organizacional.

Outro ponto importante refere-se às contradições internas do desenvolvimento territorial. A valorização da origem e a diferenciação econômica podem gerar oportunidades relevantes, mas também tendem a reproduzir desigualdades caso não sejam acompanhadas de mecanismos de apoio, inclusão e distribuição mais equilibrada dos

benefícios. O desafio contemporâneo da Alta Mogiana consiste, portanto, em transformar seu capital histórico, simbólico e institucional em desenvolvimento regional consistente, capaz de articular competitividade, reconhecimento territorial, sustentabilidade ambiental e justiça social.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou a região da Alta Mogiana a partir de seu processo histórico de uso e ocupação, enfatizando as dinâmicas que estruturaram sua formação territorial e as estratégias contemporâneas que orientam seu desenvolvimento atual. A análise permitiu demonstrar que a região não pode ser reduzida a um espaço agrícola homogêneo, nem compreendida exclusivamente pela centralidade do café. Sua configuração resulta de longa trajetória histórica, marcada pela presença indígena, pela circulação de viajantes, pela formação de núcleos urbanos, pela expansão da cafeicultura, pela imigração, pela ferrovia, pela industrialização, pela diversificação econômica e, mais recentemente, pela valorização da origem, da qualidade e da sustentabilidade.

Ao longo desse percurso, a Alta Mogiana consolidou uma identidade fortemente associada à produção cafeeira e à integração promovida pela Estrada de Ferro Mogiana. No entanto, o momento atual revela que o território vem sendo reinterpretado por meio de novas estratégias de valorização, nas quais a origem, a reputação regional, a exportação, a governança, os cafés especiais e a sustentabilidade assumem papel central. As Indicações Geográficas representam, nesse sentido, importante mecanismo de diferenciação econômica e afirmação identitária, convertendo a trajetória histórica da região em ativo competitivo contemporâneo.

A análise da Cocapec reforçou essa interpretação. A cooperativa demonstra que o desenvolvimento territorial não depende apenas da existência de boas condições naturais ou de tradição produtiva. Ele requer instituições capazes de organizar interesses, reduzir assimetrias, prestar serviços, promover inovação, representar produtores, viabilizar comercialização e fortalecer vínculos comunitários. Ao completar 40 anos em 2025, com atuação regional ampliada, mais de três mil famílias cooperadas, presença em 17 municípios, investimentos em sustentabilidade, distribuição de sobras, apoio a ações sociais e atuação em mercados de cafés diferenciados, a Cocapec aparece como uma das principais expressões institucionais da cafeicultura da Alta Mogiana (COCAPEC, 2025).

Da mesma forma, o turismo aparece como atividade promissora, capaz de integrar patrimônio, cultura, paisagem, café, memória ferroviária e experiências rurais. Seu fortalecimento pode contribuir para diversificar a economia, ampliar a visibilidade da

região e consolidar formas mais integradas de desenvolvimento territorial. Contudo, tanto a IG quanto o turismo dependem de governança, planejamento, preservação patrimonial, cooperação institucional e inclusão dos diferentes agentes regionais.

Conclui-se, assim, que a Alta Mogiana vive processo de atualização de sua identidade territorial. Sem abandonar suas raízes históricas, a região busca novos caminhos de inserção econômica e simbólica, articulando tradição produtiva e exigências contemporâneas. Mais do que herdeira de um passado cafeeiro, afirma-se hoje como território em transformação, no qual memória, origem, cooperativismo, desenvolvimento e sustentabilidade se entrelaçam na construção de novas possibilidades regionais. Essa trajetória, porém, somente produzirá desenvolvimento consistente se a valorização econômica da origem vier acompanhada de participação social, inclusão dos pequenos produtores, preservação do patrimônio e fortalecimento das instituições coletivas que dão sentido ao território.

REFERÊNCIAS

BRANQUINHO, Rosana; MACHADO NETO, Alfredo José. Turbulências na Lagoa Azul: prospecção de cenários para o setor turístico de Franca (SP) e região, 2017-2021. FACEF Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão, Franca, v. 20, n. 3, p. 304-318, set./dez. 2017.

CAMELUCCI, Anderson Luis. As experiências de República no município de Franca (1880-1906). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CALSANI, Rodrigo de Andrade. O imigrante italiano nos corredores dos cafezais: cotidiano econômico na Alta Mogiana (1887-1914). 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2010.

CARDOSO, Vitória Aparecida. As indicações geográficas de café e a participação da agricultura familiar sob a perspectiva das meso-instituições. 2022. 152 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Faculdade de Ciências e Engenharia, Universidade Estadual Paulista, Tupã, 2022.

COCAPEC. Cocapec supera 2 bi de faturamento e bate recorde. Revista Cocapec, Franca, ano 23, n. 145, p. 6-7, mar./abr. 2025a.

COCAPEC. 40 anos Cocapec: uma história para se orgulhar. Revista Cocapec, Franca, ano 23, n. 146, p. 3, 28-29, maio/jun. 2025b.

COCAPEC. Retrospectiva 2025: um ano histórico para a Cocapec. Revista Cocapec, Franca, ano 24, n. 149, p. 12-15, 27-29, 36-38, nov./dez. 2025c.

FOLLIS, Fransérgio. Cidade e cidadania: Franca (1890-1996). 2007. 212 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

ROCHA, Beatriz Alves Goulart; KÜHL, Beatriz Mugayar. Edifícios de passageiros da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro: análises iniciais de tipologias arquitetônicas. Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, v. 24, 2026.

SILVA, Rosicler Lemos da. Franca não é do Imperador, é do povo preto! Memórias, identidades e resistências. 2023. 237 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2023.

SOUZA, Pedro Antonio Ribeiro. Inserção dos produtores de café da região da Alta Mogiana na cadeia global de cafés especiais. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Campinas, 2024.

SOUZA, Stella Maris Santos de; BARBOSA, Agnaldo de Sousa; BRUSADIN, Leandro Benedini. Desenvolvimento regional sob a ótica do turismo: estudo de caso do setor calçadista de Franca. TURyDES: Revista de Investigación en Turismo y Desarrollo Local, v. 2, n. 4, jan. 2009.

SOBRE OS ORGANIZADORES

RUBMARA KETZER OLIVEIRA

Departamento de Economia, Administração e Sociologia – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo (ESALQ/USP). Av. Pádua Dias, 11 – Piracicaba, SP – Brasil.

Pós-doutoranda (Bolsa FAPESP no 2024/17498-6) na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ/USP). Possui graduação em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestrado e doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo (ESALQ/USP). Possui MBA em Gestão Escolar e MBA em Data Science & Analytics (USP), além de especialização em Solos e Nutrição de Plantas (ESALQ/USP). Seus interesses de pesquisa e atuação profissional concentram-se nas áreas de Gestão, Educação, Inovação e Tecnologias.

Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6963-3074

EDUARDO EUGÊNIO SPERS

Departamento de Economia, Administração e Sociologia – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo (ESALQ/USP). Av. Pádua Dias, 11 – Piracicaba, SP – Brasil.

Realizou pós-doutorado na Wageningen University & Research (WUR – Países Baixos) e doutorado em Administração na Universidade de São Paulo (USP – Brasil). Atualmente é pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), professor titular e chefe do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8057-3460

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agregação de valor 15, 50, 63, 69, 75, 94, 96, 102, 104, 112, 115, 154, 155, 159, 160, 163, 166, 173, 174, 178, 186, 189, 192, 201, 209, 210, 219, 227, 230, 233, 236
Alta Mogiana 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 49, 76, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 170, 176, 181, 183, 184, 185, 186, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 221, 222, 227, 230, 232, 239, 241, 243, 245
Autenticidade alimentar 219, 233, 236

C

Cadeia do café 51, 58, 75, 92, 171, 178, 179, 180, 184, 185, 189, 192, 193, 199, 211
Café 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 33, 39, 40, 42, 43, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 146, 155, 156, 159, 164, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 216, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246
Café especial 1, 2, 3, 6, 7, 59, 69, 82, 109, 121, 164, 209, 210, 219, 224, 225, 226, 228, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238
Cafeicultura 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 21, 23, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 46, 47, 49, 50, 51, 59, 61, 74, 75, 77, 78, 82, 86, 88, 89, 93, 101, 103, 105, 109, 111, 113, 115, 116, 141, 156, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 180, 181, 182, 184, 190, 195, 201, 204, 208, 209, 211, 213, 217, 224, 227, 232
Cafés especiais 1, 2, 3, 6, 11, 15, 16, 17, 19, 20, 23, 25, 26, 27, 29, 35, 37, 38, 40, 46, 47, 49, 58, 59, 61, 68, 69, 72, 77, 82, 84, 90, 91, 97, 98, 101, 104, 105, 107, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 126, 129, 139, 141, 163, 165, 173, 174, 180, 181, 195, 201, 206, 207, 208,

211, 215, 218, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 236, 238, 239, 243, 244, 245
Carbono orgânico 26, 27, 29, 43, 44, 45, 46, 48, 49
Comportamento do consumidor 83, 109, 238
Comunicação mercadológica 219
Conflito 132, 134, 135, 136, 141, 146, 147, 148, 149, 153, 155, 160, 161, 162
Consumo simbólico 219, 236, 237
Coordenação 22, 51, 52, 59, 61, 75, 76, 92, 96, 97, 108, 112, 113, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 139, 141, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 161, 178, 190, 191, 192, 195, 197, 199

D

Desenvolvimento regional 16, 17, 23, 25, 76, 81, 92, 96, 108, 110, 111
Desenvolvimento territorial 9, 11, 15, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 50, 77, 78, 92, 94, 100, 103, 105, 106, 123, 141, 145, 160, 164, 170, 174, 176, 177, 184, 200
Diferenciação mercadológica 108, 109, 112, 120, 146, 148, 178, 189, 192, 206, 207, 212, 228

E

Economia da experiência 219, 236, 237
Ecossistema de inovação 146, 150
Educação rural 164
Emoções 238, 239, 240, 241, 242, 243, 245, 246
Empreendedorismo 94, 173, 175
Engajamento 1, 3, 5, 7, 8, 116, 120, 156, 169, 194, 220
Ensino técnico 164, 167, 168, 174, 175, 176, 177
Extensão rural 60, 77, 94, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106

F

Formação territorial 9, 10, 23

G

Generatividade 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 157, 158, 160, 161
Governança 15, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 50, 61, 77, 78, 94, 95, 96, 98, 99, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 171, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 199, 202, 203, 211

Governança territorial 5, 18, 95, 96, 99, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 116, 135, 146, 148, 151, 160, 184, 192

I

Identidade 13, 15, 16, 18, 22, 23, 24, 27, 37, 47, 49, 76, 90, 100, 103, 105, 109, 110, 111, 112, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 138, 142, 144, 157, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 169, 170, 177, 188, 195, 197, 207, 213, 215, 218, 220, 221, 222, 224, 226, 227, 230, 232, 237
Identificação Geográfica 1, 5
Indicação Geográfica 1, 2, 3, 5, 7, 9, 11, 15, 16, 21, 26, 27, 28, 33, 38, 40, 46, 49, 80, 82, 83, 84, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 135, 137, 143, 144, 145, 150, 159, 160, 163, 165, 166, 170, 176, 199, 206, 207, 208, 215, 238, 244, 245
Indicações Geográficas 2, 9, 11, 15, 17, 21, 22, 23, 24, 50, 52, 58, 75, 76, 78, 80, 81, 83, 84, 87, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 142, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 164, 166, 167, 169, 170, 176, 178, 179, 180, 184, 187, 193, 194, 204, 214, 215, 219, 220, 231, 236, 237, 238

M

Manejo do solo 201, 207, 208, 213
Marketing territorial 122, 219, 231, 233, 236, 237
Mercado mundial de café 51
Motivação 238, 239, 242, 243, 244

N

Neutralidade de carbono 178, 179, 181, 188, 189, 192, 199

O

Origem 4, 6, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 53, 56, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 88, 89, 90, 92, 97, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 139, 141, 142, 146, 148, 149, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 174, 177, 178, 180, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 208, 221, 222, 225, 226, 227, 230, 232, 233, 236, 238, 241, 243, 244, 245

P

Planejamento estratégico 97, 108, 109, 110, 118, 120, 175

Poder 6, 7, 16, 124, 127, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 160, 161, 162, 167, 179, 201

R

Regulamentos oficiais 94
Resiliência produtiva 27, 188

S

SAG do café 51, 52, 58, 59, 60, 61, 71, 73, 74, 75
Sensoriamento remoto 27, 29, 42
Setor cafeeiro 51, 52, 111, 113, 115, 142, 144, 169, 170, 173, 174, 178, 181, 185
SSGI 179, 184, 185, 194, 196, 199
Stakeholders 1, 2, 3, 5, 6, 7, 108, 207
Sustentabilidade 5, 9, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 29, 35, 37, 38, 43, 46, 47, 49, 50, 60, 72, 73, 74, 77, 78, 83, 89, 103, 104, 107, 112, 117, 118, 121, 136, 140, 141, 143, 164, 167, 171, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 219, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 236

T

Território 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 29, 46, 48, 49, 76, 82, 83, 84, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 102, 103, 105, 107, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 170, 176, 177, 178, 184, 185, 187, 191, 194, 197, 200, 206, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 226, 227, 230, 232, 235, 236, 238, 241, 243, 244
Turismo rural 7, 9, 100, 103, 116, 117, 141, 199, 201

V

Variabilidade climática 27, 32

EDITORA ARTEMIS
2026